



DOI 10.20396/conex.v18i0.8660910

Artigo Original

Entre rios, mares e piscinas: a natação nas cidades de São Paulo e Fortaleza (décadas de 1920 a 1940)

Daniele Cristina Carqueijeiro de Medeiros¹ Nara Romero Montenegro¹ 

RESUMO

Introdução: nadar é uma prática com múltiplos significados, que vão desde um ato de sobrevivência até a diversão. A natação enquanto modalidade esportiva se instituiu em algumas capitais brasileiras no período entre o final do século XIX e o início do XX, inicialmente em ambientes naturais como rios e mares, e posteriormente, nas piscinas.

Objetivos: esse artigo tem como objetivo analisar e discutir as disputas em torno da legitimidade da natação em rios, mares e piscinas em duas cidades brasileiras, São Paulo e Fortaleza, entre as décadas de 1920 e 1940. **Metodologia:** trata-se de uma pesquisa histórico-documental que reuniu fontes de jornais, revistas e imagens, bem como publicações produzidas pelos clubes paulistanos. **Resultados e discussão:** a natação enquanto manifestação de uma cultura física foi promovida nos rios e mares das cidades no início do século XX. Gradualmente, preceitos como a universalidade e controle do tempo, componentes de sua crescente esportivização, foram responsáveis por aproximar essa prática de um novo espaço, as piscinas. **Considerações Finais:** consideramos que, embora a esportivização tenha se dado de forma mais ou menos semelhante em ambas as cidades, a legitimação dos espaços para a prática da natação foi distinta.

Palavras-chave: Natação. História do esporte. Cultura física. Esportes Aquáticos.

¹ Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas – SP, Brasil.

Correspondência:

Daniele Cristina Carqueijeiro de Medeiros. Faculdade de Educação Física, Rua Érico Veríssimo, 701, Cidade Universitária, CEP 13083851, Campinas - SP, Email: danieli_ccm@hotmail.com

Recebido em: 18 ago. 2020

Aprovado em: 18 out. 2020

Among rivers, seas, and pools: swimming in the cities of São Paulo and Fortaleza (decades of 1920 to 1940)

ABSTRACT

Introduction: Swimming is a practice with multiple meanings, ranging from the act of survival to simple fun. Swimming as a sport modality was instituted in some Brazilian capitals in the period between the end of the 19th century and the beginning of the 20th, initially in natural environments such as rivers and seas, and later, in swimming pools. **Objectives:** this article aims to analyze and discuss the disputes around the legitimacy of the swimming practice in two Brazilian cities, São Paulo and Fortaleza, between the 1920s and 1940s. **Methodology:** it is a historical-documentary research that gathered sources of newspapers, magazines and images found in the press of the period of both cities and publications produced by clubs in São Paulo. **Results and discussion:** swimming as an element of a physical culture was promoted in the rivers and seas of cities in the early 20th century. Gradually, precepts such as universality and time control, components of its increasing sportsmanship, were responsible for bringing this practice to a new space, the pools. **Conclusions:** we consider that, although sportsmanship has taken place in a more or less similar way in both cities, the legitimation of spaces for swimming was distinct.

Keywords: Swimming. Sport history. Physical culture. Water sports.

Entre ríos, mares y piscinas: la natación en las ciudades de São Paulo y Fortaleza (décadas de 1920 a 1940)

RESUMEN

Introducción: nadar es una práctica con múltiples significados, que van desde un acto de supervivencia hasta la diversión. La natación como modalidad deportiva se instituyó en algunas capitales brasileñas en el período entre el final del siglo XIX e inicio del XX, inicialmente en ambientes naturales como los ríos y los mares, y posteriormente en piscinas. **Objetivo:** ese artículo tiene como objetivo analizar y discutir las disputas acerca de la legitimidad de la natación en ríos, mares y piscinas en dos ciudades brasileñas, São Paulo y Fortaleza, entre 1920 y 1940. **Metodología:** se trata de una investigación histórico-documental que reunió fuentes de periódicos, revistas e imágenes, así como publicaciones producidas por los clubes paulistanos. **Resultados y discusión:** la natación como manifestación de una cultura física fue promovida en los ríos y mares de las ciudades en el inicio del siglo XX. Gradualmente, preceptos como la universalidad y el control del tiempo, elementos de su creciente deportivización, fueron responsables por aproximar esa práctica de un nuevo espacio, las piscinas. **Consideraciones finales:** consideramos que, aunque la deportivización se ha pasado de forma más o menos semejante en ambas ciudades, la legitimación de los espacios para la práctica de la natación fue distinta.

Palabras Clave: Natación. Historia del deporte. Cultura física. Deportes náuticos.

INTRODUÇÃO

A natação constitui o mais completo de todos os exercícios, sendo ao mesmo tempo, higienico, esthetico e utilitário; deve desenvolver a força muscular propriamente dita, tanto como a força de resistência e fazer adquirir, igualmente, a destreza e a energia moral. A natação preenche todas essas condições. (VANTAGENS..., 1928, p. 14)

As definições atribuídas à natação e todas as vantagens a ela atreladas têm uma relação íntima com a introdução dessa prática no âmbito dos esportes. Essa prática ganhou, a partir de meados do século XIX, características que a reafirmam como uma modalidade esportiva, incluindo-se por exemplo novas técnicas e novos objetivos competitivos. (TERRET, 1994; LOVE, 2008). Assim, o controle do tempo e do espaço, a racionalidade, a busca por performances cada vez melhores foram elementos significantes dos códigos modernos que passaram a orientá-la.

Entretanto, nem todas as práticas realizadas em meio aquático se relacionam com características esportivas. Ao longo da história, homens e mulheres entraram em contato com a água de distintas maneiras, e nadaram por inúmeros propósitos, como por diversão e relaxamento ou, ao contrário, por sobrevivência e por enfrentamento.

Pode-se afirmar, portanto, que nado e natação não compartilham os mesmos códigos. Se o nado já foi considerado uma prática rude, viril, perigosa, quase animalésca (CORBIN, 1989), a assunção do esporte moderno e a valorização disseminada da cultura física² trouxe consigo novas representações e necessidades. Essas inovações operaram mudanças também nos espaços considerados adequados para a prática. Rios e mares, outrora destino ideal para a realização do nado, foram preteridos por espaços em que variáveis esportivas como o tempo e a distância pudessem ser mais bem controlados. Dessa forma, as piscinas passaram, ao longo do século XX, a dominarem as indicações para as práticas de natação (WILTSE, 2007).

Pautado na construção dessas diferenças, este artigo tem como objetivo analisar e discutir as nuances que atravessaram a constituição da natação enquanto prática de caráter esportivo, ressaltando as disputas em torno da legitimidade dos espaços dessa prática, sendo eles os rios, os mares e as piscinas, entre as décadas de 1920 e 1940.

² O conceito de cultura física, desenvolvido por Kirk (1999) e amplamente utilizado por Scharagrodsky (2014) e Moraes e Silva, Quitzau e Soares (2018), é de suma importância nesse trabalho. Para os autores, a cultura física, que se institucionaliza nos divertimentos, ginásticas e esportes, é uma chave de entendimento multidimensional do corpo, que ultrapassa sua dimensão biológica. Isso significa que, ao evocá-la, identificamos que há um amplo repertório de práticas e construções discursivas sobre o corpo, que se engendram em redes de significados.

Como recorte geográfico, elegemos duas cidades brasileiras com representações distintas a respeito da natação em águas abertas, o que aponta diferentes apropriações desses espaços como legítimos para a prática esportiva. Uma delas é São Paulo, que carregava consigo uma relação bastante dúbia em relação aos rios que cortavam a cidade. Ao mesmo tempo em que remetiam às sensibilidades voltadas à natureza e suas representações, os rios Pinheiros e Tietê eram associados à sujeira e ao trabalho característicos da área urbana (JORGE, 2006; JORGE, 2012).

Apesar das contradições, os códigos esportivos permearam as práticas aquáticas, e os primeiros desafios passaram a ser noticiados nos jornais já no final do século XIX. A instalação de clubes de regatas às margens dos rios, sendo o primeiro deles o Esperia em 1899, foi um dos pressupostos para a crescente esportivização das práticas realizadas nesses espaços. Os clubes promoveram métodos de treinamento, competições, desafios e festivais ao longo das primeiras décadas do século XX. Nesse interim, a criação das federações esportivas fez com que provas mais regulamentadas passassem a ser realizadas, especialmente na região da Ponte Grande, no rio Tietê.

Já em Fortaleza, até a década de 1920, o litoral era associado sobretudo às atividades portuárias e pesqueiras, configurando um ambiente que remetia ao mundo do trabalho. Aos poucos, com a assimilação de discursos terapêuticos e valorização de espaços ao ar livre, a cidade foi descobrindo os atrativos da costa, formando uma sociabilidade litorânea, apesar da ira marinha e do medo dos afogamentos ainda permearem parte do imaginário local.

De uma forma similar ao ocorrido em São Paulo, em Fortaleza a natação foi inicialmente praticada no litoral da cidade, entre as praias do Mucuripe e a de Iracema. Já na segunda metade da década de 1920, alguns desafios e provas foram organizadas pelo clube *Náutico* ou mesmo intermediadas entre os próprios nadadores e a imprensa. Nas duas décadas seguintes, aos poucos, elementos do esporte moderno invadiram a dinâmica da natação no mar, ganhando cada vez mais adeptos, audiência, repercussão, culminando inclusive com a realização de competições fixas, como era o caso da aclamada *Prova Heroica* de 5km no mar, ocorrida uma vez por ano entre os meses de fevereiro e março.

Ao analisar as duas cidades, temos o objetivo de encontrar representações que ao mesmo tempo se assemelhavam e se distinguiam a respeito da esportivização das práticas aquáticas. São Paulo, com suas interpretações negativas a respeito dos rios urbanos e a acelerada difusão dos clubes de regatas em suas margens, nos oferece a possibilidade de analisar uma cidade que rapidamente quis apagar o uso do rio e transferir as práticas institucionalizadas e competições para o âmbito das piscinas. Já Fortaleza, que nesse período atribuía novos sentidos ao litoral, seguia investindo em práticas esportivas em águas correntes.

A intenção da escolha das duas cidades não é fazer uma aproximação simplificada da natação em ambos os cenários, nem tampouco apenas descrever um rol de suas diferenas. Antes disso, o que se busca é analisar como os discursos, que convergiam em direo a uma maior esportivizao, estavam se capilarizando nas práticas, construindo novas representaoes da natao, que em alguma medida ainda conservavam importantes sutilezas regionais. A disputa pelo espao legítimo da prática (mares, rios ou piscinas) muito mais do que compor parte da história da natao, manifesta aspectos da constituio da cultura física, da relao possível com a vida ao ar livre e com elementos da natureza, da transformaoes nas sensibilidades, sejam elas em relao   educao do corpo,   higiene, ao controle do tempo ou aos espaos da cidade.

O recorte temporal compreende o intervalo de décadas entre 1920 e 1940. Neste período, nas duas cidades, competioes de natao esboavam uma estrutura esportivizada, a princípio realizadas apenas em águas abertas, nos rios, no caso de São Paulo, e no litoral, no caso de Fortaleza. No decorrer desses anos, as piscinas comearam a adentrar como necessidade supostamente imprescindível nos discursos e recomendaoes que envolviam essa prática, sendo suas construoes concretizadas principalmente pelos clubes esportivos.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa documental que reuniu fontes de jornais (*Gazeta de Notícias*, *O Estado de São Paulo*, *Correio Paulistano*, *Jornal do Ceará*, *A Gazeta*, *Correio do Ceará*) e imagens encontradas na imprensa do período. Além disso, recorreremos às revistas produzidas pelos clubes paulistanos Sport Clube Germ nia³, Clube Esperia e Clube de Regatas Tietê, encontradas nos arquivos dessas instituioes.

A NATAO EM ÁGUAS DOCES E SALGADAS

No livro *História da ideia de natureza*, Lenoble (2002) enuncia que cada época, a partir dos conhecimentos disponíveis, inventa sua ideia de natureza e, conseqentemente, as atitudes a ela direcionadas. Assim, o imaginário a respeito dos fen menos provenientes dos céus, mares, ou os segredos guardados nos cumes das montanhas não foi algo dado e perpetuado ao longo do tempo; ele se transformou e alterou consigo as possibilidades de compreensão dos acontecimentos observados. Podemos afirmar então que as ideias e conceitos construídos em relao a este objeto são históricos, que se alteram com o percurso da humanidade. Partindo dessa concepo central, analisar a natao praticada no comeo do século XX passa por compreender o que significavam as águas dos rios e dos mares.

Uma nova relao com as águas doces e salgadas se instituiu no Brasil

³ Atualmente conhecido como Esporte Clube Pinheiros.

principalmente no final do século XIX e início do XX⁴. Frente ao processo de urbanização que se instaurava gradativamente em várias grandes cidades do país, um ideário médico e pedagógico atribuía à vida ao ar livre, à valorização dos elementos da natureza, como o sol e as águas, um potencial de cura, regeneração e educação (SOARES, 2016). Nesse sentido, a busca por espaços ao ar livre e pelo encontro com elementos da natureza foi uma tendência endossada em discursos oficiais, pedagógicos e médicos, divulgados principalmente através da imprensa, e incorporados em boa medida nos hábitos cotidianos em diferentes regiões do Brasil, sobretudo na primeira metade do século XX⁵.

Às águas correntes também se imputava representações inéditas. Outrora temidas pelo receio frente aos afogamentos e perigos que representavam, novas sensibilidades produzidas em relação à natureza e seus elementos promoveram transformações nos usos e sentidos atribuídos a elas. Por um lado, um arsenal de produções artísticas, influenciadas pelo romantismo, aguçou novas representações da paisagem natural, que incluem rios e mares (THOMAS, 1996). Por outro lado, um contato ainda mais próximo deveu-se a ascensão dos discursos terapêuticos ligados às descobertas das virtudes nas águas (salgadas, doces e termais), possibilitando por meio da imersão o revigoramento e a cura de enfermidades do corpo e da alma (CORBIN, 1989; 2001).

Havia, entretanto, uma perspectiva bastante distinta na forma como as águas dos rios e mares eram aprovadas e recomendadas como elementos da natureza pelos discursos médicos, especialmente depois da inauguração dos estudos da microbiologia e a descoberta dos malefícios da poluição (VIGARELLO, 1987; TERRET, 1994). No que se refere especificamente às águas dos rios, o discurso médico no Brasil entre o fim do século XIX e início do século XX, produziu uma influência muito mais negativa que positiva na relação com estas águas. As possibilidades de usos do rio, que margeava a cidade, ainda se limitavam principalmente à esfera do trabalho e do deslocamento.

Uma das questões urbanas cruciais para uma análise acerca dos rios referia-se ao problema da sujeira e das doenças que assolavam a população urbana, frequentemente associadas a suas águas. Em São Paulo, muitas análises do poder público consideravam-nos vetores de doenças e responsáveis pela

⁴ Cabe aqui analisarmos que essa relação com a natureza, que se estabelecia em um Brasil urbano em fins do século XIX e início do século XX, é fruto de uma nova ideia de natureza, que se instituiu ao longo de mais de três séculos através de ideias e conceitos, que acabaram por reabilitar o mundo natural no Ocidente. O século XVIII foi o momento em que essa reconciliação entre natureza e humanidade se tornou mais evidente, e uma nova sensibilidade perante seus elementos se colocou em marcha. Desta forma, o mundo natural passou a compor discursos educativos, curativos e regenerativos, associado a qualidades como generosidade e benevolência. Estudos mais detalhados encontram-se em: Thomas (1996), Corbin (2001; 2013), Rauch (1995), Sirost (2009), Villaret (2005), dentre outros.

⁵ Inúmeros trabalhos acadêmicos abordam a ampla difusão dos discursos a respeito da natureza no Brasil, especialmente no que diz respeito aos usos pedagógicos, médicos e esportivos. Podemos citar: Dalben (2014; 2015), Dias (2014), Herold Júnior (2015), Herold Júnior et. al. (2018), Terra (2016), Jorge e Vaz (2016), dentre outros.

disseminação de muitas delas (JORGE, 2006; 2012; SANTOS, 2011)

Assim, entre interdições e recomendações, novas sensibilidades e temores, as águas dos rios e mares fizeram parte da vida das cidades aqui estudadas. Ao mesmo tempo em que essas águas eram enaltecidas por suas potenciais virtudes, eram ainda imbuídas de representações ligadas ao imaginário do medo, do rudimentar; para Corbin (1989, p. 73): “[...] não se pode subjugar o oceano, rebelde a toda domesticação [...]. O elemento líquido, irremediavelmente selvagem, representa o estado primitivo do mundo”. A concretude dessas representações se evidenciava nas diversas e frequentes notícias de afogamentos nos rios Tietê e Pinheiros (MENOR..., 1907) ou no litoral de Fortaleza (AFOGADO, 1907).

Associando a tendência de desfrutar das águas ao medo dos afogamentos, saber nadar emergia, antes de tudo, como um recurso de sobrevivência, ou era associada, muitas vezes, a um mero passatempo. Não tardaria, todavia, para que essa mesma habilidade incorporasse, em determinados contextos, técnicas mais refinadas, fruto da racionalidade científica, para tornar-se uma prática de caráter esportivo, a natação.

As provas em formato de confrontos e apostas inauguraram o sentido da natação enquanto prática do campo da cultura física. A aurora do século XX dedicou, nas páginas dos jornais paulistanos, novos usos das águas dos rios, agora não mais guiados pelo medo e desconfiança, e sim pelo estímulo provocado pelo desafio. Esses páreos competitivos, embora dotados de regras pouco claras, já eram acompanhados de demonstrações de anseios de que a prática se institucionalizasse. Junto à nota que divulgava um dos desafios, o jornal *Correio Paulistano* trazia um apelo: “Oxala que estes desafios sejam o início da fundação de um club de natação, tanto assim que este útil *sport*, é dos mais desprezados pela nossa sociedade” (NATAÇÃO 1898b). Corroborando tais expectativas, aos poucos foram surgindo, ainda no século XIX, clubes às margens do rio Tietê. De forma similar, na cidade de Fortaleza, algumas décadas depois, os desafios inspirariam o surgimento de clubes à beira-mar como o *Náutico* (1929) na Praia Formosa e o *Ideal Clube* (1931) no Meireles.

Tais provas eram organizadas através de competições em que um nadador propunha um desafio aberto aos participantes interessados. Sem um calendário estabelecido, elas podiam acontecer em vários momentos do ano. As distâncias também podiam variar entre 400 e 10.000 metros, tendo geralmente como marcos pontos não muito específicos na beira dos rios ou mares, por exemplo entre a *Floresta e Ponta Grande*, no rio Tietê, ou entre a *o farol do Mucuripe e a Ponte Metálica*, em Fortaleza. A organização das provas se dava sobretudo entre os participantes, intermediada pela imprensa, que fazia comunicação entre os vários agentes (competidores, clubes, estado, público). No caso dos rios de São Paulo, ainda se estabelecia se a prova seria a favor ou contra a correnteza, e

apostas eram práticas comuns (NATAÇÃO, 1898a). Outros aspectos das provas podiam ainda serem decididos no momento de sua realização sem a necessidade de um regulamento, prevalecendo a espontaneidade, quase como um acordo entre cavalheiros como bem expressa a fonte: “Quanto á hora em que se effectuará a prova será marcada depois; e aceito o desafio, os lutadores se entenderão a respeito” (PROVA..., 1929, p. 5).

Não tardaria, contudo, para que os desafios passassem a ser mais bem estruturados, baseados naquilo que Dunning (1992, p. 299) chamou de “orientação dominante do esporte moderno”, isto é, a tendência de crescente competitividade e a busca por resultados. Esse engajamento partia principalmente dos clubes esportivos, aliados aos interesses da imprensa. Se em São Paulo uma grande renovação nas práticas de exercícios físicos nas margens dos rios se deu a partir da década de 1920, no litoral de Fortaleza o mesmo ocorreu na segunda metade da década de 1930 e na década seguinte. Tal hiato temporal pode ter justificativa na diferença dos elementos burocráticos ligados ao esporte presentes em cada cidade. Enquanto Fortaleza ainda não contava com Federações estabelecidas nas primeiras décadas do século XX, São Paulo já possuía um aparato mais institucionalizado, como por exemplo o Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo (1931), a Federação Paulista das Sociedades do Remo (1907), bem como a presença de diversos clubes esportivos⁶.

Como consequência dessas investidas tem-se, no decorrer desse período, realização de diversas provas de natação nos rios e mares, cada vez mais regulamentadas, com publicação de regras nos jornais, instituição de juízes de largada, partida e percurso e presença gradualmente massiva do público. Expressão máxima dessa orientação foi o êxito das grandes provas de resistências: a *Travessia de São Paulo à Nado* e a *Prova Heroica* em Fortaleza. Ambas, organizadas pela imprensa⁷, instituíram uma relação de rivalidade entre os clubes em nome do progresso esportivo, ajustaram um calendário esportivo com mês previamente determinado para ocorrência da prova, o qual considerava as condições climáticas, a dinâmica das águas, mas também outros eventos esportivos já existentes. Além disso, as duas contaram com assistência bastante numerosa, podendo ser consideradas os primeiros eventos esportivos de grandes proporções de suas cidades, ao lado, talvez, das já aclamadas partidas de futebol.

⁶ Os clubes dedicados ao remo e a natação criados nesse período foram: a) clube Esperia (1899), b) Clube de Regatas São Paulo (dissuadido em 1913), c) Clube de Regatas Tietê (1907) d) Associação Atlética São Paulo (1914), e) Sport Club Germânia (inaugurado em 1899, mas transferiu-se para a margem do rio Pinheiros na década de 1920) (NICOLINI, 2001).

⁷ Entre 1924 e 1928, *Travessia de São Paulo à nado* foi organizada pelo jornal *São Paulo Esportivo*. Ficou então três anos sem ser disputada e, em 1932, o jornal *A Gazeta*, em parceria com Federação Paulista das Sociedades de Remo, voltou a realizá-la. A primeira Prova Heroica foi realizada em 1940 e foi organizada pelos *Diários Associados*, conglomerado de meios de comunicação liderado no período por Assis Chateaubriand.



Figura 1 - Largada da Prova *Travessia de São Paulo a Nado* de 1935.
 Fonte: *A Gazeta* (25/02/1935, p. 16).

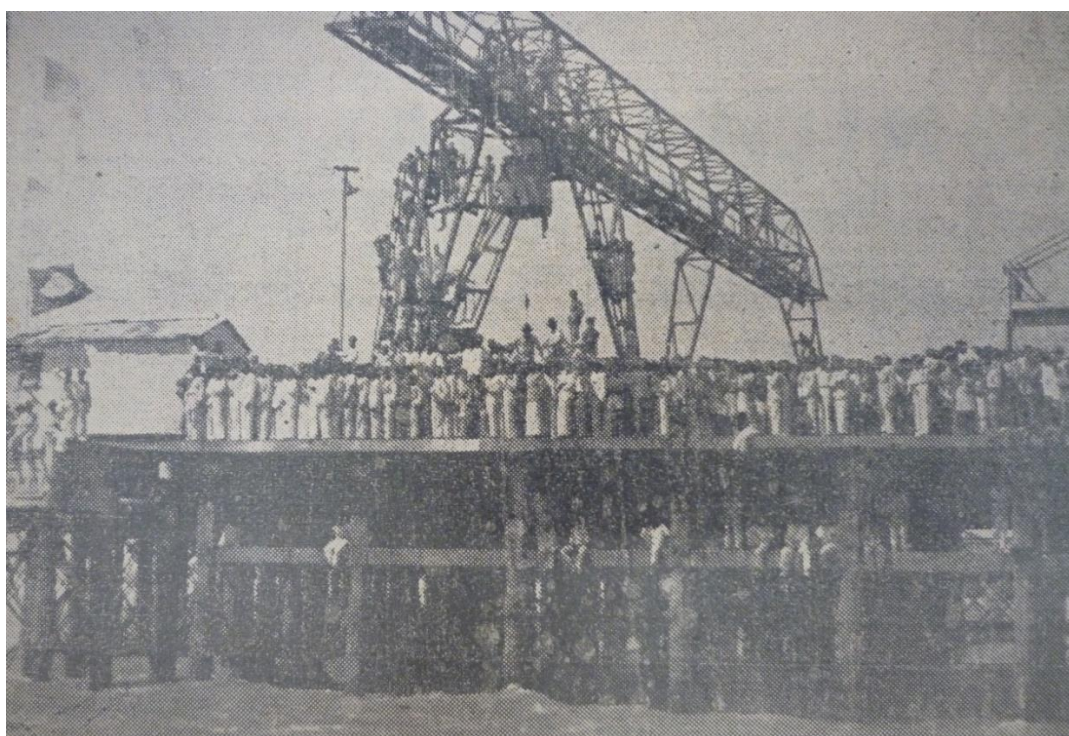


Figura 2 - Ponto de chegada da primeira *Prova Heroica* de 1940
 Fonte: *Correio do Ceará* (19/02/1940, p. 6).

Nas imagens parece ser evidente a popularidade de tais provas, que mobilizavam grande público nos dias de competição. De acordo com *A Gazeta*, mais de cinquenta mil pessoas acompanharam o desfecho da *Travessia* de 1935 (NOVO...1935). O *Correio do Ceará* afirma que, na chegada da *Heroica* de 1940,

“comprimiam-se na Ponte Metálica para aclamar os vencedores da prova milhares de pessoas” (NOVO..., 1940). É possível perceber que esse público não se conformava em arquibancadas organizadas especificamente para esta finalidade; muito pelo contrário, o contato com os rios e mares, com o lugar ao ar livre, se dava de forma desordenada, quase caótica. As provas aquáticas realizadas em água corrente tinham um caráter de aproximação entre os espectadores e os participantes, quase indissociáveis no meio da multidão. Isso, certamente, tornava a dimensão festiva desses eventos ainda mais nítida.

Entretanto, a incapacidade de acomodação dos torcedores, ao mesmo tempo em que gerava uma sensação de proximidade entre desafiantes e a população em geral, tornava o espaço dos rios e praias incompatível com a organização do esporte moderno, que conta prioritariamente com o público para sua difusão (VIGARELLO, 2002). Se o esporte tem na modernidade seu símbolo e na urbanização sua premissa, as imagens apontam que esses lampejos, representados pelas pontes, serviam tão somente para a apreciação das ações de bravura e enfrentamento da natureza rústica representada pelas águas. Era, portanto, evidente os descompassos entre a modernidade requerida pela prática esportiva e as águas, que seguiam seu tortuoso e turbulento curso.

Outro aspecto que cabe destacar são as representações atribuídas a estes eventos, que os diferem bastante da natação em piscinas. As duas – *Prova Heroica* e *Travessia de São Paulo à Nado* - consistiam em provas de resistência, isto é, competições longas de percurso de aproximadamente cinco quilômetros. Além disso, as águas em movimento, a correnteza dos rios e as ondulações do mar enfatizavam ainda mais essa característica. Os nadadores competiam contra seus adversários, contra seus próprios limites e contra as revoltas de uma natureza muitas vezes impetuosa, durante uma prova que se estendia por mais de duas horas. Por isso comumente repetia-se a ideia de que “[...] não é herói somente o vencedor; são todos os nadadores que conseguem vencer o percurso.” (BOI CAFÉ... 1943).

A natação nos rios e mares exigia desde capacidades técnicas relativas à respiração e à movimentação na água, até características morais de coragem, intrepidez, tenacidade, bem como habilidades estratégicas que levavam em conta a consciência dos próprios limites, o conhecimento do estilo dos adversários e o domínio e a percepção dos movimentos das águas. Quem sintetizou bem esse conjunto de competências, muitas vezes sincrônicas, recrutadas na natação de resistência foi o escritor Coelho Netto, em nota escrita para a revista *Esperia*:

O nadador é intrépido sem arrogância. Rompendo as águas vai graduando as forças para que o não traiam em esmorecimento de fadiga; educa o animo mantendo-o vigilante e sereno e, no maior perigo, conserva-se imperturbável, sem angústias que atordoam, sem terrores que entibiam. (NETTO, 1928, p. 1)

No trecho, o autor destaca a intrepidez sem arrogância para exprimir a ideia de coragem realista passada no filtro da racionalidade, a qual discerne os limites de sua atuação. Ao referir-se à necessidade de graduar a força para não atingir o esgotamento físico, remete à estratégia de administração das próprias energias. Quando menciona a educação do ânimo no sentido de mantê-lo sob controle, indica a necessidade de não perder a razão e a determinação exigida na prova, apesar de seus obstáculos. Ao mesmo tempo, entretanto, que todas essas exigências - intrepidez sem arrogância, moderação e serenidade imperturbável - são de ordem técnica, física e estratégica, ajustam-se sem grandes esforços aos princípios de uma educação moralizante. São, portanto, injunções de caráter esportivo e competitivo que desembocam facilmente num projeto moralizador, conforme analisa Bourdieu (2003) a respeito das características do esporte moderno. A própria ideia do herói serve muito mais como exemplo de moralização abstrata do que propriamente tangível, concreta.

Por isso, talvez, com olhares distraídos, a natação nos rios e mares - inclusive até hoje praticada e denominada natação em águas abertas - remetesse a certo primitivismo e rudeza, frente ao suposto refinamento técnico da natação em piscinas. Na natação em piscinas, ainda que existissem provas de maiores distâncias, a rapidez se destacava como principal característica e, como bem sugeriu Sevcenko (1992), a velocidade era por excelência um símbolo da modernidade urbana, distante, portanto, de um imaginário popular rural. Além disso, a própria piscina é marcada essencialmente pela artificialidade racionalizada na estruturação de seu ambiente, totalmente planejada, medida, simétrica, controlada. No próximo tópico, analisaremos as fontes que tratam do surgimento e estabelecimento das piscinas enquanto locais dotados de características que as tornavam adequadas aos requisitos da prática esportiva.

A NATAÇÃO EM PISCINAS

[...] entendemos que toda nação esportiva precisa ter os seus recordes que são o índice do seu desenvolvimento técnico-desportivo. E é por isso que visamos, com a construção de piscinas, não apenas o nosso aperfeiçoamento natatório, mas também elementos imprescindíveis para obtermos os recordes nacionais. Porque é evidente que, sem eles, jamais poderemos auferir o valor de nossos nadadores com os valores dos de outras nações de adiantado desenvolvimento esportivo. (A QUESTÃO... 1925, p. 4)

É possível perceber no excerto do jornal *A Gazeta*, que as piscinas foram diretamente associadas à melhoria de desempenho dos nadadores e à quebra de recordes esportivos. Com espaço fechado, águas calmas e claras e geometria simples e bem definida, as piscinas fariam mais do que melhorar as performances: elas ofereceriam uma arquitetura à serviço da precisão (TERRET, 1994).

Ainda que não tenham surgido com a pretensão de serem instrumentos esportivos, rapidamente, com a difusa esportivização do período, elas foram associadas a tais práticas, tornando-se emblema da modernidade e higiene, contrastando com os exercícios realizados nos rios ou mares (MACHMEHL, 2011; TERRET, 1995).

Essa associação rápida com o esporte se deu porque a piscina permitia o controle de duas variáveis fundamentais: o tempo e o espaço (VIGARELLO, 1988; VIGARELLO, 2002). Guttmann (2004), ao definir o esporte moderno, afirma que uma das sete características determinantes dessa prática é a quantificação. Para ele, há uma tendência quase inevitável de transformar toda prática esportiva em algo que possa ser rigorosamente quantificado e medido. A piscina possibilita, portanto, que ações como medir e contabilizar sejam realizadas com maior precisão e rigor, o que resulta nos recordes, outra característica atribuída pelo autor aos esportes modernos, que é fruto da necessidade irrefreável de quantificar e registrar as marcas.

Vigarello (1988) aponta que o esporte tem como característica a especialização dos espaços, que deixam de ser compartilhados com diversas outras tarefas para se individualizarem em uma única função: promover exercícios físicos. Esses espaços, dentre os quais as piscinas são os mais contundentes exemplos, são planejados para a promoção de vantagens técnicas e especialização de gestos. A piscina, portanto, permite que o nado, de prática de sobrevivência ou de divertimento, seja enfim padronizado em uma prática regulamentada, e que técnicas específicas sejam desenvolvidas (TERRET, 2004).

Em São Paulo e Fortaleza, o movimento de construção das piscinas foi iniciado pelos clubes esportivos, com amplo apoio da mídia. Era desejo dos clubes participar de provas e competições em níveis nacionais e internacionais, potencializado após a primeira participação do Brasil nos Jogos Olímpicos, em 1920. Para colocar esses anseios em marcha, era necessário contabilizar o tempo dos nadadores para habilitá-los para as provas, e, somado a isso, melhorar o desempenho e o método de treinamento dos atletas.

As primeiras tentativas de treinar os atletas paulistanos foram esboçadas nos próprios rios, através de cochos delimitados nas águas, que visavam o aprimoramento técnico dos atletas e maior segurança para os exercícios. Entretanto organizadores queixavam-se de que "os resultados técnicos nunca poderiam ser bem controlados, quiçá, melhorados, devido a correnteza natural do rio que, tira do nadador a noção completa do seu esforço" (PÁGINAS..., 1940).



Figura 3 - Brincadeiras nos cochos na década de 1920
 Fonte: Esporte Clube Pinheiros (2017).

Nesse sentido, provas realizadas nos espaços aquáticos naturais começaram a ser mais bem delimitadas: a *Travessia de São Paulo à Nado*, por exemplo, ganhou novas regras e regulamentos ao longo de suas edições, com o objetivo de aumentar a fiscalização sobre os nadadores e contabilizar de forma mais eficiente suas marcas. As Provas Heroicas também aumentaram as regras e suas especificações em relação a quantidade de juízes, o uso do tiro para dar largada, idade mínima e máxima dos competidores, padronização de uniformes. (MONTENEGRO, 2020).

No entanto, essas medidas não pareciam efetivas para os clubes e para a imprensa, que difundiam e requisitavam um modo mais esportivizado de nadar. Em uma entrevista à *A Gazeta* (O DOUTOR..., 1923, p. 3), Ferreira dos Santos, atleta e médico paulistano, comentou as expectativas sobre a participação do Brasil nos Jogos Olímpicos de Paris, em 1924. Para o médico, a natação brasileira estava atrasada com relação aos outros países:

[...] nossos nadadores não se habituaram a treinos em piscinas apropriadas. Continuam com seus exercícios no mar ou no rio. Ora, em Antuérpia [nos Jogos Olímpicos de 1920] nada conseguimos nesse bello ramo do esporte aquatico porque nossos rapazes pouco faziam de notavel na agua doce e parada.

Faltava, segundo o entrevistado, o conhecimento de certos *trucks*, como as viradas na piscina e as braçadas rápidas. Era urgente, para os clubes que pretendiam inserir seus atletas em disputas nacionais e internacionais, a instalação de piscinas na cidade.

A primeira piscina instalada em São Paulo por um clube foi em 1926, pelo Athletico Paulistano. Em 1929 foi a vez da inauguração da Associação Atletica São Paulo e em 1933 dos clubes Germânia e Esperia. Dentro de poucos anos, a cidade via a multiplicação de dispositivos desenhados exclusivamente para a prática de natação. E esses dispositivos não eram construídos ao acaso: havia a intenção clara de torná-los padronizadores da forma eleita como correta de desempenhar as técnicas do nado.

De forma similar, sob as mesmas demandas de incorporar mais controle de espaço, tempo e técnica, a implementação de piscinas foi discutida em Fortaleza. Se ainda na década de 1920, as piscinas eram vistas com certo desdém diante das desafiadoras provas no mar, na década de 1940 elas passam a representar uma possibilidade de universalização do esporte na cidade: “estamos em vias de lançar de modo definitivo as provas de piscina, para os John Weissmuler e Maria Lenk cearenses”. (PROVAS..., 1944). Não tardaria então para o clube *Ideal* construir a primeira piscina nos ditames esportivos da cidade em 1944.

A difusão das piscinas em São Paulo e em Fortaleza provocou uma ruptura na forma como os eventos oficiais eram realizados. Se antes os rios e mares eram os locais principais de práticas competitivas de natação nas cidades, gradualmente os eventos oficiais regulados pelas federações e clubes passaram a ser realizados sobretudo nas piscinas. A grande diferença na relação com as piscinas, promovidas nas duas cidades, foi a coexistência ou não com as práticas em rios e mares. Enquanto em São Paulo as fontes apontam para um total abandono do uso dos rios, que se concretizou em meados da década de 1940 (O QUE A RETIFICAÇÃO..., 1940), em Fortaleza os festivais, provas e travessias ainda usavam o espaço do mar como local de competições (PASSOU..., 1946). Apesar das diferentes apropriações, é evidente que uma cisão havia se estabelecido entre as formas de nadar não competitivas, que podiam ser realizadas em locais menos específicos, e aquela considerada legítima ligada ao esporte moderno, que tinha as piscinas como locais adequados e indicados para a prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nadar foi um hábito apropriado por parte da população de São Paulo e Fortaleza ao longo da história dessas cidades, e perdura até hoje como exercício ligado aos divertimentos e enfrentamentos. Uma forma mais competitiva de realizar tal prática se acentuou entre as décadas de 1920 e 1940, culminando na natação. Intrépidos e corajosos homens e mulheres desafiaram as antigas concepções a respeito das águas e mergulharam nessa nova prática que se disseminava amplamente.

A natação, realizada de forma cada vez mais associada aos preceitos do esporte moderno, passou a ser difundida nesses espaços, principalmente por instituições como os clubes e as federações esportivas. Isso fez com que, rapidamente, alterações fossem promovidas às provas realizadas nos rios e mares, com o aumento do controle dos competidores e maior atenção aos tempos e recordes. Entretanto, entre os clubes e jornais que produziram as fontes utilizadas nas análises desse artigo, essas alterações não foram consideradas suficientes. Exigia-se, para além disso, um espaço em que os gestos técnicos pudessem ser quantificados, controlados e corrigidos; um local em que o desempenho dos nadadores não fosse determinado por interferências externas, e que eles pudessem, enfim, obter o aclamado “desenvolvimento tecnico-desportivo” (A QUESTÃO..., 1925, p. 4). As piscinas – internacionalmente acatadas para tais objetivos – foram a solução encontrada, especialmente pelas agremiações esportivas, para a derradeira transformação do nado em natação.

Conclui-se, com esse estudo, que o fenômeno da esportivização das práticas aquáticas nas duas cidades aqui analisadas se deu de forma bastante semelhante, respeitados alguns descompassos temporais. Entretanto, a legitimação dos espaços de prática da natação foi distinta. Em São Paulo, os clubes se esforçaram para retirar, de forma mais rápida possível, a natação das águas dos rios, seja pela preocupação com o desempenho e o tempo dos nadadores, seja pela crescente repulsa em relação aos rios, cada vez mais associados à sujeira e à poluição (JORGE, 2006; 2012). Já em Fortaleza, muito embora as piscinas tenham sido apreciadas pela capacidade de promover novos gestos, tempos e recordes, isso não fez com que elas substituíssem as águas correntes e seu imaginário ligado ao enfrentamento e à coragem, conforme foi possível analisar nas fontes elencadas para esse estudo. Até os dias de hoje, provas competitivas e esportivas são realizadas nesses espaços, em que os atributos físicos ultrapassam a excelência técnica e ganham adjetivações ligadas à coragem.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho contou com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP- processo n. 2017/25698-1) e com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

AFOGADO. *Jornal do Ceará*, Fortaleza, 27 ago. 1907. p. 2

A QUESTÃO das piscinas. *A Gazeta*, São Paulo, 20 fev. 1925. p. 4.

BOI CAFÉ será o novo campeão ou haverá outra surpresa sensacional? *Correio do Ceará*, 06 mar. 1943, p. 4.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In. *Questões de sociologia*. Lisboa: Fim de século, 2003.

CORBIN, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 1989.

CORBIN, Alain. *L'homme dans le paysage*. Paris: Textuel, 2001.

CORBIN, Alain. *La pluie, le soleil et le vent: une histoire de la sensibilité au temps qu'il fait*. Paris: Aubier-Montaigne, 2013.

DALBEN, André. *Mais do que energia, uma aventura do corpo: as colônias de férias escolares na América do Sul (1882-1950)*. 2014. 389 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2014.

DALBEN, André. Diálogos entre o corpo e a natureza: as práticas corporais ao ar livre e a educação física escolar. *Movimento* (UFRGS), v. 21, p. 903-914, 2015.

DIAS, Douglas da Cunha. *Quem te margeia conta de ti: educação do corpo na Belém do Grão-Pará (de 1855 à década de 1920)*. 2014. 484 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2014.

DUNNING, Eric. A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In: ELIAS, Nobert. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992. cap. VII, p. 299-325.

ESPORTE CLUBE PINHEIROS. As águas pinheirenses. Atualizado em: 13 jan. 2017. Disponível em: <http://www.ecp.org.br/as-aguas-pinheirenses/>. Acesso em: 19 fev. 2020.

GUTTMANN, Allen. *From ritual to record*. New York: Columbia University Press, 2004.

HEROLD JUNIOR, Carlos. Corpo e educação no escotismo a partir da Revista O Tico Tico (1921-1933). *Movimento* (UFRGS), v. 21, p. 303-316, 2015.

HEROLD JUNIOR, Carlos et al. O corpo a partir do movimento nudista: Rio de Janeiro na década de 1950. *Movimento* (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, p. 49-64, mar. 2018

JORGE, Janes. *Tiete, o rio que a cidade perdeu: o Tiete em São Paulo 1890-1940*. Alameda, 2006.

JORGE, Janes. Rios e Saúde na Cidade de São Paulo, 1890-1940. *História & Perspectivas*, v. 24, p. 103-124, 2012.

JORGE, Thiago Perez; Vaz, Alexandre Fernandez. Vida na natureza para alunos do Ginásio Santa Catarina: o piquenique como cultura modernizadora em Florianópolis (1906 - 1918). *INTERthesis* (Florianópolis), v. 13, p. 75-94, 2016.

KIRK, David. Physical Culture, Physical Education and Relational Analysis. *Sport, Education and Society*, v. 4, n. 1, p. 63-73, 1999.

LENOBLE, Robert. *História da ideia de natureza*. Lisboa: Edições 70, 2002.

LOVE, Christopher. *A social history of swimming in England, 1800-1918: splashing in the Serpentine*. Nova York: Routledge, 2008.

MACHEMEHL, Charly. La Seine et les loisirs sportifs: le site rouennais dans l'entre-deux-guerres. *Vertigo-la revue électronique en sciences de l'environnement*, n. Hors-série 10, 2011.

MENOR afogado. *O Estado de S. Paulo*, v. 33, n. 10299, p. 5, 17 fev. 1907.

MONTENEGRO, Nara Romero. *A cultura física e suas manifestações no litoral de Fortaleza (1925-1946): novos modos de se educar e de se divertir*. 2020. 160p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2020.

MORAES E SILVA, Marcelo; QUITZAU, Evelise Amgarten; SOARES, Carmen Lucia. Práticas educativas e de divertimento junto à natureza: a cultura física em Curitiba (1886-1914). *Educação e pesquisa*, v. 44, p. 178293, 2018.

NATAÇÃO. *Correio Paulistano*, São Paulo, n. 12446, p. 2, 27 fev. 1898a.

NATAÇÃO. *Correio Paulistano*, São Paulo, n. 12452, p. 2, 6 mar. 1898b.

NETTO, Coelho. Palavras de Coelho Netto, que devem ser sempre lembradas. *Espéria - Revista Mensal do Club Esperia*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 1, set. 1928.

NICOLINI, Henrique. *Tietê: o rio do esporte*. São Paulo, SP: Phorte, 2001.

NOVO recorde da prova: 45'38" de Havelange e Delfino. *A Gazeta*, São Paulo, 25 fev. 1935., Caderno Esportivo, p. 2.

NOVO campeão. *Correio do Ceará*, Fortaleza, 19 fev. 1940, p. 6.

O DOUTOR Ferreira dos Santos, membro do Comité Internacional Olympico, fala á GAZETA. *A Gazeta*, São Paulo, 01 ago. 1923, p. 3.

O QUE A RETIFICAÇÃO do Tietê póde significar para os Clubes da Ponte Grande. *Tiete - órgão oficial do Clube de Regatas Tietê*. São Paulo, ano 1, n. 3, mar. 1940, p. 9.

PÁGINAS de natação. *Sport Clube Germania*, São Paulo, 1940, p. 46.

PASSOU de 40 o número de inscritos. *Correio do Ceará*, Fortaleza, 22 mar. 1946, p. 6

PROVA de Natação. *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 14 jun. 1929, p. 5.

PROVAS de natação da piscina do ideal clube! *Correio do Ceará*, Fortaleza, 27 jun. 1944, p. 3

RAUCH, André. Les vacances et la nature revisitée (1830-1939). In: CORBIN, Alain. *L'avènement des loisirs. 1850-1960*. Paris: Aubier, 1995.

SANTOS, Fabio Alexandre dos. *Domando águas: salubridade e ocupação do espaço na cidade de São Paulo, 1875-1930*. São Paulo, SP: Alameda, 2011.

SCHARAGRODSKY, Pablo Ariel. *Miradas médicas sobre la cultura física en Argentina (1880-1970)*. Buenos Aires: Prometeo, 2014.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos*

frementes anos 20. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1992.

SIROST, Olivier. *La vie au grand air : aventures du corps et évasions vers la nature*. Nancy: PUN, 2009.

SOARES, Carmen Lucia. Três notas sobre natureza, educação do corpo e ordem urbana (1900-1940). In: SOARES, Carmen Lucia. (org.) *Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana*. 1. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2016.

TERRA, Vinicius Demarchi da Silva. A invenção da praia de Santos (1880-1940). In: SOARES, Carmen Lucia. (Org.). *Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana*. 1ed.Campinas: Autores Associados, 2016, v. 1, p. 205-237.

TERRET, Thierry. *Naissance et diffusion de la natation sportive*. Paris: Editions L'Harmattan, 1994.

TERRET, Thierry. Professional swimming in England before the rise of Amateurism, 1837-75. *The International Journal of the History of Sport*, v. 12, n. 1, 1995, p. 18-32.

TERRET, Thierry. Educative Pools: Water, School and Space in Twentieth Century France. In: VERTINSKY, Patricia; BALE, John (org.). *Sites of sport: space, place, experience*. New York: Routledge, 2004.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação a plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1996.

VANTAGENS e efeitos da natação. *Esperia - Revista Mensal do Club Esperia*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 14, set. 1928.

VIGARELLO, Georges. *Le propre et le sale: L'hygiene du corps depuis de Moyen Age*. Paris: Seuil, 1987.

VIGARELLO, Georges. *Une histoire culturelle du sport : techniques d'hier...et d'aujourd'hui*. Paris: Éditions Robert Laffont, 1988.

VIGARELLO, Georges. *Du jeu ancien au show sportif: la naissance d'un mythe*. Paris: Éditions Seuil, 2002.

VILLARET, Sylvain. *Histoire du naturisme en France depuis le siècle de Lumières*. Paris: Vuibert, 2005.

WILTSE, Jeff. *Contested Waters: A Social History of Swimming Pools in America*. University of North Carolina Press, 2007.